



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KARINE DOS SANTOS SILVA

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO:

A contribuição da história contada na construção de identidade de um povo

**Maceió
2024**

KARINE DOS SANTOS SILVA

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO:

A contribuição da história contada na construção de identidade de um povo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal de
Alagoas – Campus A.C Simões, como parte
dos requisitos para a obtenção do título de
Graduada em Pedagogia.

Orientador/a: Profa. Dra. Marina Rebeca de
Oliveira Saraiva.

**Maceió
2024**

Catlogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4: 1459

S586c

Silva, Karine dos Santos.

Quem conta um conto aumenta um ponto: a contribuição da história contada na construção de identidade de um povo / Karine dos Santos Silva. – 2024.
46 f. : il.

Orientadora: Marina Rebeca de Oliveira Saraiva.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia: licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Macció, 2024.

Bibliografia: f. 44-46.

1. Educação decolonial. 2. História contada. 3. Construção de identidade.
4. Quebra de Xangô. 5. Maracatu. I. Título.

CDU: 37:94(813.5)

KARINE DOS SANTOS SILVA

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO:

A contribuição da história contada na construção de identidade de um povo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus A.C Simões, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovado em 02 de Dezembro de 2024.

Banca Examinadora

Orientadora: Dra. Marina Rebeca de Oliveira Saraiva

Professora Dra. Silvana Paulina de Souza

Professor Dr. Ivanildo Gomes dos Santos

Maceió,
2024

Dedico este trabalho a todos que me motivaram a continuar, me inspiraram e tiveram a devida paciência de ensinar-me durante minha jornada. Que este trabalho possa ser um reflexo do que aprendi ao longo do caminho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, que não seria possível sem o apoio e incentivo de vocês.

Em primeiro lugar, agradeço à minha namorada, Júlia, pelo apoio incondicional, paciência, amor e incentivo constante. Sua presença ao meu lado foi fundamental para enfrentar os desafios e manter o foco em meus objetivos. Sua luz iluminou meu caminho e me motivou a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Agradeço também à minha amiga Janny, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo apoio, aprendizados que me faltavam e um ombro amigo. Sua amizade e suporte incondicional me acompanharam em todos os momentos. Suas palavras de encorajamento sempre trouxeram ânimo e alegria à minha jornada.

A minha orientadora, Marina Saraiva e a professora Luiza Cristina, merecem um agradecimento especial. Talvez não saibam, mas suas orientações e sabedorias foram essenciais em minha jornada acadêmica e para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela confiança e pelos valiosos ensinamentos proporcionados.

Sou grata também à espiritualidade e à ancestralidade, que me acolheram, guiaram e inspiraram ao longo deste processo, me ensinando que nunca caminhei sozinha, me permitindo a dar continuidade a corrente de minha avó e que não há nada de errado em amar quem se ama.

Por fim, um agradecimento sincero aos tambores que ecoam no Jaraguá, ao maracatu! Que me ensinaram sobre resistência, consciência, identidade e a importância da manifestação cultural. Essa vivência enriquecedora foi uma fonte constante de motivação e inspiração durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

A todos meu muito obrigada e Axé!

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

As histórias são inerentes à humanidade. Sendo assim, podem ser percebidas a todo momento e em todos os tempos. É perceptível que por meio das histórias relembremos o tempo passado, fazemos e vivenciamos histórias no tempo presente e imaginamos novas histórias para serem criadas no tempo futuro. O objetivo geral deste trabalho é trazer a história contada como pedra fundamental para a construção de identidade de uma sociedade, enfaticamente, a construção da identidade do povo maceioense e alagoano. Portanto, o trabalho surge da necessidade de promover uma conscientização - social, cultural e ancestral - fazendo um recorte muito específico para nossa cidade e estado, uma vez que esses foram e muitas vezes ainda são palco para acontecimentos truculentos. Cabe ressaltar que, visando alcançar seu objetivo, este trabalho irá perpassar a escrita convenientemente acadêmica e muitas vezes se estreitará em um diálogo com você leitor. A metodologia empregada abrange não apenas a pesquisa bibliográfica, mas também relatos de vivências da autora, estudo e aporte teórico sobre a temática de forma geral. Consequentemente, contando com a contribuição de vários estudiosos como Higa (2023), Abate e Stoltz (2020), Bedran (2012), Aranha (2006) e Galeano (s.d). Por fim, chega-se à conclusão que é extremamente necessário que nossa história seja contada e ouvida. Porque para começar a fazer mudança é preciso dar o primeiro passo e para que esse primeiro passo seja dado precisamos investir em uma educação decolonial. Voltando um olhar exclusivo para o adulto, acreditando que precisamos primeiramente nos educar para que assim consigamos ser assertivos nos processos educativos com nossas crianças.

Palavras-chave: História contada; Construção de identidade; Quebra de Xangô; Maracatu.

ABSTRACT

Stories are inherent to humanity. Therefore, they can be perceived at all times and in all times. It is noticeable that through stories we remember the past, make and experience stories in the present time and imagine new stories to be created in the future. The general objective of this paper is to bring the story told as a cornerstone for the construction of a society's identity, emphatically, the construction of the identity of the people of Maceió and Alagoas. The paper arises from the need to promote awareness - social, cultural and ancestral - with a very specific focus on our city and state, since these were and often still are the stage for brutal events. It is worth mentioning that, aiming to achieve its objective, this paper will go beyond conveniently academic writing and will often narrow down to a dialogue with you, the reader. The methodology used covers not only bibliographical research, but also reports of the author's experiences, study and theoretical contribution on the theme in general. Consequently, counting on the contribution of several scholars such as Higa (2023), Abate and Stoltz (2020), Bedran (2012), Aranha (2006) and Galeano (undated). Finally, we come to the conclusion that it is extremely necessary for our history to be told and heard. Because in order to start making changes, we need to take the first step and for this first step to be taken we need to invest in decolonial education. Turning an exclusive look at the adult, believing that we first need to educate ourselves so that we can be assertive in the educational processes with our children.

Keywords: Told history; Identity construction; Xango's break; Maracatu.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Frequência com que os participantes escutam histórias atualmente - Maceió - 2023.....	27
Gráfico 2 - Frequência com que os participantes contam histórias atualmente - Maceió - 2023.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS.....	20
3 ENCONTRANDO-SE NA HISTÓRIA.....	30
3.1 ECOS DE UMA CIDADE CHAMADA MACEIÓ.....	31
3.2 DANÇANDO POR NOSSOS ANCESTRAIS.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória até chegar aqui para este trabalho se enquadrar nos moldes e temática atual foi um pouco longa, por medo e até mesmo resistência de minha parte. Mas, principalmente porque eu ainda não tinha construído minha identidade.

Essa trajetória se deu início com minha entrada no ensino superior lá em 2018, em uma instituição da rede privada. Por meio desta, conheci alguns projetos de extensão que atuavam no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes e, de cara, me encantei. Assim, participei do processo seletivo de duas extensões que se entrelaçam até hoje: T.E.C.A. - Território Encantado de Crianças e Adolescentes, que apresenta uma metodologia ativa com base construcionista no desenvolvimento de uma abordagem lúdica com crianças e adolescentes dentro de uma brinquedoteca hospitalar. E o projeto Anjos do HUPAA, que por meio de um grupo de contadores de histórias promovem a biblioterapia e outras ações culturais, não apenas para crianças, mas principalmente para adultos e idosos.

Ainda em 2018, fui aprovada e convidada a participar do projeto Anjos do HUPAA, onde atuei por anos e fui criando meu perfil enquanto contadora de histórias dentro e fora do projeto. Esse contato inicial com um novo mundo que desabrochava à minha frente me ajudou a observar a relação do adulto com a contação de histórias e as suas nuances. Aqui, comecei a perceber que as contações de histórias e todo o meio imaginativo que elas proporcionam fazem parte do mundo da criança e se aproximam muito de suas linguagens, assim como as brincadeiras. Além disso, também comecei a perceber que essas histórias tocavam os adultos de uma maneira diferente, conseguiam proporcionar um campo afetivo, despertar memórias e sentimentos, além de estreitar e estabelecer laços com o outro. Nos tornando mais humanos ao ponto de ressignificar olhares e ambientes, onde antes era visto apenas como um lugar de dor, sofrimento e perdas - o hospital - agora também era visto como um lugar de esperança e recomeços.

Em 2019 fui aprovada na Universidade Federal de Alagoas, esta atual querida que pretendo me formar. Agora, estando aqui, fortaleci meu vínculo com o projeto de extensão e comecei a amadurecer e ampliar meu olhar para minhas áreas de interesse. Ainda no começo da graduação, tive aula com uma excelente

professora que começou a me chamar a atenção e abrilhantar meu olhar para seu campo de pesquisa, a Pedagogia Hospitalar.

Vejamos, mesmo completamente envolta, apaixonada e encantada pela contação de histórias, este possível novo campo de pesquisa começou a competir por espaço. Logo, surgiu a oportunidade de fazer meu primeiro PIBIC no campo da Pedagogia Hospitalar com a referida professora. Eu, prontamente, a agarrei. Engajada na luta por seus discentes do curso de pedagogia que cada vez mais demonstravam interesse na temática, a docente conseguiu uma parceria com algumas coordenadoras de outros projetos de extensão já atuantes no Hospital Universitário, para que assim, viesse à luz um novo projeto.

É em uma sala inutilizada do Hospital Universitário Alberto Antunes que surge o projeto de extensão intitulado como CreScer: acompanhamento pedagógico à criança e ao adolescente hospitalizado. Com o objetivo de promover atendimento pedagógico de crianças e adolescentes em situação de hospitalização como estratégia de continuidade do processo de escolarização. Assim, comecei a participar de dois projetos que tinham minha total atenção. Enquanto engajava meus estudos e práticas em ambos os campos - pedagogia hospitalar e contação de histórias - o mundo começou a enfrentar algo que inicialmente se tinha a esperança de logo ser resolvido, mas que tomou proporções inalcançáveis, resultando em uma pandemia. Com a suspensão das atividades presenciais acabei me distanciando um pouco da minha primeira aproximação no ensino superior, a contação de histórias. E comecei a focar nos estudos remotos voltados a pedagogia hospitalar, uma vez que era meu campo de pesquisa no projeto de iniciação científica e com este viam outros trabalhos como relatórios e artigos.

Com o avançar da graduação e a maturação de meus estudos, chegou o momento que eu precisava definir minha área de pesquisa e temática para o TCC. Inicialmente, meus olhos brilharam novamente para a contação de histórias, já que, com o retorno das atividades presenciais em Março de 2022, eu também voltei a atuar no projeto Anjos do HUPAA. Porém, apesar de já possuir experiências e práticas no campo da contação de histórias, academicamente falando eu não possuía acervo teórico, não possuía trabalhos escritos e muito menos um professor orientador em vista, eu teria que começar do zero. Nesse momento, meus medos e

inseguranças me travaram e eu acabei desistindo e partindo para um campo que eu já havia maturado dentro de mim com projetos, artigos, apresentações, muitos estudos, uma dupla e o melhor, eu sabia muito bem quem poderia continuar me orientando nessa nova etapa. Por isso, na disciplina de Pesquisa Educacional ministrada pela professora Marina Saraiva, meu projeto de pesquisa inicial - também conhecido como Pré-TCC - teve como tema “Experiências exitosas de classes hospitalares em Alagoas”. Sabe o mais engraçado? A professora Marina, ainda sem saber - e naquele momento eu também ainda não sabia - iria presenciar uma grande virada em minha temática e passaria a ser uma peça fundamental nessa minha caminhada. Você que está lendo nesse momento, já sabe que ela é minha orientadora neste trabalho. Mas, segura aí, nós já vamos chegar lá!

O ano de 2022 foi um ano difícil que virou meu mundo de cabeça para baixo, mas cada acontecimento influenciou para que no fim, este trabalho fosse escrito. Foi um ano que o que eu imaginava que já tinha definido para meu TCC foi por ralo abaixo, pois acabei perdendo contato com quem inicialmente almejava como orientadora para minha temática. Por motivos de saúde, a professora precisou priorizar alguns trabalhos, assim, não conseguimos mais submeter PIBIC. Posteriormente, a professora se afastou por um tempo e tirou um período sabático. Quando voltei a estabelecer contato, após a disciplina de Pesquisa Educacional, fui orientada a mudar minha temática já que tecnicamente eu não possuía objeto de pesquisa - uma vez que a pedagogia hospitalar em Alagoas é uma negação e praticamente inexistente, além disso, já haviam outros trabalhos recentes com uma temática muito próxima a minha.

Foi um período desesperador, minhas ideias se esvaindo, problemas pessoais, diagnósticos de ansiedade e depressão. Por um tempo, eu realmente me perdi e demorei um pouco a me reencontrar. Mas, quando esse reencontro finalmente aconteceu, ele foi emocionante! Eu me redescobri e pela primeira vez, eu realmente me enxerguei.

Apesar de ser um momento conturbado, foi um período, também, que precisei me obrigar a parar um pouco. Nessa pausa, comecei a explorar e observar mais o mundo à minha volta, comecei a me escutar e, com alguns auxílios me desprender de preconceitos que habitavam dentro de mim e que, antes, não havia

percebido. Concomitantemente, escutei pela primeira vez o tambor ecoar! A batida das alfaias fazendo o chão tremer, o rufo da caixa, o som dos ferros, o agbê balançando em passos sincronizados. Ali, eu ainda não entendia o que tudo aquilo significava, mas meu coração vibrava tão forte que não tinha jeito, eu precisava compreender, eu queria fazer parte de tudo aquilo.

O maracatu fez girar uma chave que me proporcionou enxergar além da base que havia crescido. Redescobrimo, reouvindo e ouvindo novas histórias, a partir daqui, comecei a delinear em minha mente a importância da contação de história, o impacto que ela tem em nossa vida e como as histórias nos constituem enquanto seres humanos e seres sociais. Vejamos, em minha pré-adolescência ouvi muitas vezes meu pai se sentir ofendido quando minha mãe o chamava de “negro gato”, pois ele não se reconhecia assim, mesmo tendo uma pele retinta! Como ele dizia, era “marrom bombom”. Naquela época, eu não tinha a mínima consciência racial e, como uma pessoa branca e filha de uma mulher branca, eu não compreendia o peso e significado daquela frase.

Foi apenas no ensino superior que me deparei com uma educação anti racista e decolonial. Foi especificamente na reta final da graduação, após o maracatu me incentivar a ter um acervo acadêmico, histórico, cultural e ancestral acerca de nossas histórias, que consegui começar a ouvir os ecos de meus ancestrais, os ecos dolorosos daqueles que aqui morreram. Finalmente comecei a compreender o estrago que uma história mal contada, ou contada apenas de um ponto de vista - o branco e geralmente cristão - pode fazer na construção de uma sociedade e identidade de um povo.

A partir daqui, eu sabia que não podia mais fugir daquela área de interesse que comecei a flertar no meu primeiro ano na graduação, a contação de histórias. Agora com coragem suficiente para iniciar um trabalho do zero, eu precisava de uma orientadora para esse novo campo de pesquisa. Após pensar em algumas possibilidades, lembrei de uma professora que admiro desde os primeiros períodos, me orientou durante o Pré-TCC, e que também tinha um pezinho na história e antropologia.

A professora Marina Saraiva aceitou logo de cara e me pediu para escrever ao menos uma folha sobre a temática que pretendia trabalhar. Assim, em 2023

surge um primeiro esboço para este trabalho “Quem conta um conto aumenta um ponto: A contação de história para além de um recurso pedagógico” onde inicialmente eu faria uma trajetória acerca da contação de história, desde os primórdios, perpassando pelas pinturas rupestres e a oralidade nas sociedades tribais até chegar no contador de histórias atual e na contação de história, agora também utilizada como técnica pelas grandes empresas midiáticas. Além disso, exploraria a contação de histórias para além de um recurso pedagógico que visa desenvolver a formação de leitores ou favorecer os processos de alfabetização e letramento. Eu já havia utilizado muito deste recurso, principalmente em meus estágios. Então eu pretendia ir além, partir para o ponto mais sensível da temática, como a contação de histórias pode contribuir para a formação e desenvolvimento integral do Ser, como dentro de uma sala de aula a contação de histórias poderia interligar afeto, conhecimentos, favorecer processos de saúde mental e, principalmente, ser uma aliada para a conscientização de temáticas como racismo, estupro, preconceitos e sobretudo para uma educação decolonial.

Em conjunto a esse primeiro esboço, também comecei a minha trajetória metodológica, onde meus resultados contribuíram para o novo rumo da escrita no presente trabalho. Assim, iniciei uma pesquisa bibliográfica no Repositório Institucional da Universidade Federal de Alagoas - RIUFAL, utilizando como conceitos e palavras chaves os termos *Contação de Histórias* e *O Ato de Contar Histórias*. E fiquei muito surpresa ao não encontrar trabalhos de alunos da pedagogia que abordassem ao menos uma dessas temáticas, havia sim trabalhos sobre contação de histórias, mas trabalhos que a utilizavam apenas como recurso facilitador em processos de alfabetização, letramento e formação de leitores. Trabalhos que traziam uma sensibilização para a contação de histórias eram de cursos da saúde, biblioteconomia e, até mesmo, ciências biológicas. Esse último intitulado como *Sensibilização educativa sobre pediculose do couro cabeludo aos estudantes do ensino fundamental de uma escola municipal de Maceió, utilizando diferentes estratégias pedagógicas* (Marcolino, 2021) era o que mais se aproximava do contorno que eu queria trazer para a contação de história. Embora fosse o mais próximo do que eu almejava, ainda assim, se tornava muito distante.

Então, comecei a investir em um estudo e aporte teórico sobre a temática de forma geral. Deste modo, contando com a contribuição de alguns estudiosos como

Higa (2023), Abate e Stoltz (2020), Bedran (2012), Aranha (2006) e Galeano (s.d). Além disso, em meu último período cursei algumas disciplinas que me ajudaram a dar os contornos finais para este trabalho. Na eletiva de Saúde Mental e Tecnologias Digitais escrevi uma oficina intitulada como *Somos feitos de Histórias: As Contações de Histórias para além do Era Uma Vez...* que tinha como objetivo aplicar a contação de história como um recurso mediador de conhecimento, saberes e de aprendizagem, compreendendo que esta, se trata de uma técnica viva, alegre, dinâmica e lúdica que contribui para a formação do ser – seja este, adulto ou criança, dentro e fora dos muros escolares. Por fim, na disciplina de Estatística desenvolvi um questionário intitulado *Como o ser adulto relaciona-se com a contação de histórias?* As respostas deste questionário me fizeram ter a virada de chave final para construir este trabalho.

Perceber que no decorrer de nossa vida adulta temos a tendência de parar de dar a devida atenção para as histórias a nossa volta me fez lembrar de um episódio muito específico na minha graduação. Quando conheci a história do Quebra de Xangô - mais um conhecimento que pude adquirir após meu encontro com o Maracatu. Em um trabalho em grupo para a disciplina de Geografia, resolvi dar a ideia para desenvolvermos nosso trabalho acerca da temática, inicialmente todos aceitaram. Mas durante o desenvolvimento, na etapa de estudos e discussões para com aqueles que ainda não conheciam a história, tivemos diversos problemas com integrantes cristãs que alegavam não se sentir confortáveis com a temática, por envolver religiões de matriz africana. O preconceito e racismo religioso foi tão nítido, que foi necessário contatar a professora para explicar a situação e a mesma precisou enviar um email ressaltando a Lei 10.639/03 - que garante o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas - além de conversar com os colegas em classe sobre a relevância da temática.

Essa situação me causou tamanha revolta, que eu não podia simplesmente ignorar. Em conjunto com uma amiga e com a orientação dessa mesma professora, publicamos um artigo intitulado *Desvendando os Caminhos da Cidade: Um percurso pela história e geografia da Avenida Fernandes Lima*. E todo o estudo e aporte teórico desse grande massacre que foi o episódio do Quebra de Xangô, também norteia o presente trabalho.

Finalmente, este texto ganha todos os atuais contornos durante sua escrita, dando luz a uma discussão por vezes esquecida, adormecida ou simplesmente não discutida em nosso campo educacional regional. Com o objetivo de trazer a história contada como pedra fundamental para a construção de identidade de uma sociedade, enfaticamente, a construção da identidade do povo maceioense e alagoano. Eu pude presenciar, viver e por um tempo, até mesmo agir de forma preconceituosa com minha próprias raízes. Afinal, de que outra maneira seria eu ensinada, tendo crescido em uma sociedade controlada por brancos, que aparenta ter esquecido suas próprias histórias e, por um período, conseguiu fazer até com que minha família negasse sua própria cor?

Este trabalho surge da necessidade de gerar uma conscientização - social, cultural e ancestral - fazendo um recorte muito específico para nossa cidade e estado, uma vez que estes foram e muitas vezes ainda são palco para acontecimentos truculentos. Para isto, evidenciamos como a contação de histórias sempre esteve presente na humanidade e, até hoje, pode e deve ser utilizada como recurso auxiliador em prol de uma “Educação Libertadora” e decolonial. Voltando um olhar exclusivo para o adulto, acreditando que precisamos primeiramente nos educar para que assim consigamos ser assertivos em nossos processos educativos com nossas crianças.

Cabe ressaltar que, visando alcançar seu objetivo, este trabalho irá perpassar a escrita convenientemente acadêmica e muitas vezes se estreitará em um diálogo com você leitor. Diálogo esse, que se utiliza de exclamações, interrogações e até mesmo ironia, buscando estreitar laços e despertar proximidade, afetividade, sentimentos e emoções. Assim, o trabalho conta com um estudo e aporte teórico da temática e vivências da autora.

Para mais, o trabalho está dividido em introdução, desenvolvimento de dois capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado como ‘O Ato de Contar Histórias’ é feito um resgate das influências históricas que nossa sociedade possui, evidenciando a importância e o peso dessa base, que acaba por estruturar nossos moldes atuais enquanto sociedade.

O capítulo seguinte é intitulado como ‘Encontrando-se na História’, onde dialogaremos sobre a importância de conhecermos nossa própria história para que

consigamos nos formar enquanto cidadãos íntegros da sociedade a qual estamos inseridos. Este capítulo conta com dois subtópicos, o primeiro intitulado como 'Ecos de uma Cidade chamada Maceió' onde evidenciaremos o Quebra de Xangô, as pessoas envolvidas, o peso que este ato trouxe para nossa cultura e como existem resquícios até hoje na construção da identidade de nosso povo. O segundo subtópico intitulado como 'Dançando por nossos ancestrais' que traz uma breve discussão sobre um ritmo perdido por muitos anos, mas originário de nossas terras e que resgata nossa ancestralidade, o Maracatu.

Por fim, as considerações finais trazem um fechamento para a temática discutida, interligando e trazendo sentido para os capítulos anteriores e enfatizando a relevância deste tema.

2 O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS

As histórias são inerentes à humanidade. Sendo assim, podem ser percebidas a todo momento e em todos os tempos. É perceptível que por meio das histórias relembramos o tempo passado, fazemos e vivenciamos histórias no tempo presente e imaginamos novas histórias para serem criadas no tempo futuro. Então, uma vez criada essa correlação entre tempo e história, é sagaz imaginar, ou melhor, elucidar que "[...] somos feitos de histórias"¹, como bem dito pelo ilustre escritor Eduardo Galeano (s.d). Além disso, a autora Aranha (2006, p. 19) aprofunda um pouco mais, evidenciando que:

Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a que pertencemos.

Como o ser humano não se trata de uma constante, é necessário olhar para o passado para que consigamos entender melhor o presente, as mudanças no mundo e também os problemas advindos de nossas ações. Para isso, é preciso a existência de técnicas e estudos que investiguem as ações do ser humano e suas implicações no mundo. É aqui que a história entra, pois é ela enquanto ciência que estudará esses acontecimentos. Vejamos, atualmente as mulheres possuem direito ao voto, coisa que décadas atrás era um absurdo de se imaginar. E como sabemos disso? História. Sim, história enquanto ciência, mas também histórias que foram contadas e recontadas ao ponto de gerar esperança e se transformar em força para que juntas, se percebessem como seres humanos e seres históricos que devem gozar de seus direitos.

Essa ciência é notoriamente imprescindível para a formação da sociedade, mas neste trabalho focaremos e discutiremos acerca da história contada e sua importância para a formação do ser humano, seja ele criança, seja ele adulto.

Deste modo, sabendo que as histórias fazem parte de nossa cultura, podemos consolidar aqui, o ato de contar histórias como um fator intrínseco à cultura do homem e seu desenvolvimento. Resgatemos, pois, algumas memórias

¹ Disse Eduardo Galeano ao apresentar seu novo livro "Os filhos dos dias". GALEANO, Eduardo. Algunos de "Los hijos de los días" de Eduardo Galeano. YouTube. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zgnjl3UD5s8>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2025.

dos primórdios dos tempos e voltemos nossos pensamentos a nossa época pré-histórica e as formas de expressão daquele povo. Segundo o professor de história Carlos César Higa (s.d)

Com a arte rupestre, os hominídeos tinham como principal objetivo, de acordo com historiadores e antropólogos, registrar seu cotidiano, como os animais que caçavam ou desejavam caçar, bem como os primeiros ritos religiosos e outras cerimônias praticadas pelas tribos.

Ou seja, mesmo numa época quando não há indícios da oralidade, a arte de contar histórias já se fazia presente por meio de pinturas. Agora avancemos um pouco no tempo, para o momento em que as sociedades tribais já são marcadas pela oralidade. Partindo deste ponto, Aranha (2006, p. 35) afirma que:

Os mitos e os ritos são transmitidos oralmente, e a tradição se impõe por meio da crença, permitindo a coesão do grupo e a repetição dos comportamentos considerados desejáveis. Assim são constituídas comunidades estáveis, no sentido de que nelas as mudanças acontecem muito lentamente.

Podemos observar mais uma vez a presença do ato de contar histórias, agora presente nos mitos transmitidos oralmente. Fazendo com que seja possível compreender e confirmar que a história é algo crucial para o desenvolvimento da sociedade. Pois esses mitos, citados por Aranha (2006), não eram nada mais que histórias passadas de geração em geração.

Diante o exposto, observamos que o ato de contar histórias era desenvolvido desde os primórdios como uma forma de comunicação e principalmente como uma maneira de transmissão de saberes. Ou seja, a chamada Educação Difusa não se trata de um ensino institucionalizado como estamos acostumados, mas sim do saber que é passado de pai para filho e assim por diante, utilizando a oralidade e as histórias como recurso norteador.

Esse modelo educacional se fazia presente nas sociedades tribais, antes do surgimento dos primeiros modelos de escola e de uma sociedade burocrática. Mas nem de longe se trata de um modelo educacional extinto, embora não se encaixe mais como a nossa educação central diante dos padrões legislativos de nossa atual sociedade. Então... quem nunca se espelhou em uma pessoa querida ou escutou as histórias dos mais velhos como forma de aprendizado?

Ademais, percebemos que as histórias também podem ser contadas por meio de pinturas ou desenhos, então lembremos dos povos indígenas e suas culturas antes da invasão dos europeus e do sangue derramado em um genocídio. Esses povos, mesmo com diferentes culturas entre si, costumavam trazer e marcar em seu próprio corpo alguns símbolos, fossem por meio de pinturas ou adornos, eles estavam lá, identificando sua idade, sexo, posição social, povo. Além disso, alguns artesanatos produzidos por esses povos eram também um simbolismo para reverenciar seus próprios deuses ou entidades espirituais. E o que são todas essas simbologias se não um ato de contar diferentes histórias ou a história de um povo? Ainda mais, é de senso comum que os povos indígenas ouvem com muito respeito as histórias de seus anciãos.

Para culminar a ideia de transmissão de saberes, pensemos em outra situação na qual o ato de contar histórias se faz muito presente... Então, acendeu a luzinha divina para o termo religiosidade? Não? Vamos lá! As religiões comumente e tradicionalmente se utilizam de histórias para guiar seus fiéis e adeptos, seja por meio de parábolas, provérbios, mitos, itans² ou koans³ as histórias estão lá. Vamos nos encontrar na história? Uma pesquisa realizada pela empresa Datafolha e publicada no portal de notícias G1, comprova que 81% dos brasileiros são adeptos da religiosidade cristã, então falemos dela. O que é a bíblia, se não um grande livro de histórias? E quem foi Jesus Cristo, se não um grande contador de histórias? Podemos até citar sua característica do ser peripatético, ou seja, sua tendência de caminhar enquanto ensinava ou contava suas histórias.

Levando em consideração que somos seres históricos e criamos nossa própria cultura, podemos perceber que a conclusão dos dados citados acima são interessantes se resgatarmos aqui a história contada e recontada de nossas raízes. Sabemos que nós brasileiros somos mistos em nossas etnias, herdando assim, diferentes culturas. A crença cristã, e toda história contada do menino Jesus, predominante em nosso país, ironicamente - ou nem tanto assim - foi propagada após a invasão dos europeus. Ou seja, essas não são nossas raízes, mas são essas as crenças comumente bem aceitas na sociedade brasileira.

² Contos lorubás.

³ Provérbios budistas.

As crenças originárias de nossas terras são os mitos que fazem referências a diferentes deuses e entidades espirituais, crenças essas que foram oprimidas e quase apagadas das nossas memórias devido o extermínio de milhões de indígenas. Com esse extermínio latente e a imposição do cristianismo, as crenças originárias de nossa terra - para a maioria dos brasileiros - sobrevive apenas como lendas de uma mera folclorização⁴. Em uma experiência pessoal, ao trabalhar em uma escola particular de bairro que se diz pautada no construtivismo, os professores já foram vetados de trazer esclarecimentos aos alunos acerca dos seres encantados presentes na 'folclorização' brasileira, pois segundo a direção - convenientemente cristã - "a escola é pautada na perspectiva construtivista de Piaget, tal qual, não conta mentiras ou lendas e trabalha apenas com a verdade". O mais irônico, é que nesta mesma instituição já fui chamada a atenção por desmistificar alguns tópicos acerca da invasão dos portugueses e por elucidar o fato de ter sido Maria Leopoldina a assinar os papéis para a "independência". E isso não deveria ser feito para que a escola não fosse associada ao feminismo.

É devido situações como essas que não podemos deixar de contar as histórias presentes na humanidade, para que não cheguemos ao ápice da intolerância cultural e religiosa. Mas, para que possamos conhecer essas histórias é necessário que alguém as conte, então vamos dar continuidade!

Nossas raízes também possuem forte influência africana. Pois, os mesmos homens brancos já responsáveis pelo genocídio de povos indígenas, arrancaram povos africanos de seu próprio continente para serem escravizados e mortos aqui, dando início a um longo e tenebroso período histórico para esse povo, tal qual, ainda é refletido até os dias atuais com fortes sinais de precarização da vida do negro dentro de uma sociedade branca.

Mesmo com tanto sangue derramado, os povos africanos buscaram manter viva sua cultura e suas crenças, para que suas raízes não fossem apagadas. É nesse contexto opressor para os povos indígenas e povos africanos que surge o sincretismo religioso, como afirma Romão (2018, p. 362):

⁴ "Estereotipia, desqualificação e exotismo como uma eficiente manobra, capaz de tirar de cena, de fazer desaparecer os sujeitos históricos de carne e osso, enquanto pleiteantes de um direito que então vem sendo negado" (Leite, 1999, p. 126).

O sincretismo ocorrido entre as crenças indígenas e o sistema católico foi fruto notadamente das investidas jesuíticas em seu afã evangelizador. No caso dos africanos, estes exerceram um papel de protagonistas, ao buscarem formas de continuar a cultuar suas divindades. Para tanto, buscaram uma espécie de meio-termo entre seu real panteão e o sistema dos santos católicos introduzido pelos padres ibéricos.

Nossa ancestralidade africana carrega fortes narrativas e também possui premissas na oralidade. Por exemplo, segundo Souza e Souza (2018, p. 99) “O Candomblé através dos Orixás é um dos mais antigos cultos religiosos da humanidade” e “a oralidade é sua maior especialidade, pois a transmissão do conhecimento e valores é repassada de forma oral dos mais velhos aos mais novos.” Além disso, se trata de uma religião viva até os dias atuais que contribuiu para que comunidades afro originassem também religiosidades afro-brasileiras.

Dito isto, podemos elucidar que assim como nossas sociedades tribais possuíam e até hoje possuem um grande domínio no ato de contar histórias através dos mitos, essas religiões também possuem uma inestimável capacidade de contar histórias por meio de seus itans.

...O Itan é o conjunto de mitos e lendas do panteão africano que narra as histórias envolvendo canções, danças, rituais e ensinamentos. Para os Yorubás é considerado como verdade absoluta sobre a criação do mundo, possuindo grande respeito por ter sido repassado oralmente como ensinamentos através dos mais velhos” (Souza; Souza, 2018, p. 103).

Apesar do grande valor histórico, podemos ver acontecer algo parecido com o ocorrido nas culturas indígenas: O preconceito e a demonização das religiosidades que não provém do povo branco. Pois, como muito bem dito mais uma vez por Souza e Souza (2018, p. 99) “Um dos motivos do desconhecimento do Itan é o fato dele estar ligado a uma religião originada na África, disseminada pelos negros que foram escravizados”.

Enfim, observamos até aqui que as histórias podem ser contadas de diferentes formas e que independente da maneira a qual a história era repassada, esse processo acontecia tendo em vista o mesmo objetivo, sendo este, o de transmitir e evidenciar saberes que uma determinada pessoa ou povo possuía.

Não obstante, o ato de contar histórias é igual uma moeda que possui seus dois lados. Da mesma forma que ela pode ser utilizada de uma maneira bonita e

pura, visando preservar uma identidade cultural, ela também pode se tornar suja e reverberar preconceitos e discriminações, favorecendo assim, a parcela detentora de um poder maior.

Podemos ver isso claramente na história que foi contada por muito tempo para nós brasileiros, principalmente em nossos livros didáticos. Pois apesar do tráfico e extermínio de povos, do aniquilamento de culturas e de uma imposição doutrinária, de alguma forma, em nossa história os portugueses conseguiram se sair como salvadores brancos e incentivar e impregnar um preconceito e intolerância em nossas veias que perdura até os dias atuais.

Para elucidar ainda mais o fato de que as histórias podem reverberar discriminações ou preconceitos - contra os povos negros e indígenas - e ainda assim favorecer uma outra parcela - geralmente a branca - as colocando como salvadoras, vejamos mais uma história. Uma determinada religião cristã, possui um livro intitulado “O Livro de Mórmon”, que alega ser “outro testamento de Jesus Cristo”. Assim como a bíblia ele possui diversas intrigas e guerras, mas uma em específico me chama a atenção; dois povos, intitulados consecutivamente como nefitas e lamanitas viviam em guerra, pois o primeiro acreditava em um Deus cristão e o outro seguia outras tradições. Em decorrência disso surge uma “maldição” descrita em alguns versículos:

E ele fez cair a maldição sobre eles, sim, uma dolorosa maldição, por causa de sua iniquidade. Pois eis que haviam endurecido o coração contra ele de tal modo que se tornaram como uma pedra; e como eram brancos, notavelmente formosos e agradáveis, a fim de que não fossem atraentes para meu povo o Senhor Deus fez com que sua pele se tornasse escura. (Livro de Mórmon, 2015, p. 75).

Além da dita “maldição” da pele escura, um outro versículo descreve as características dos lamanitas como:

...se tornaram selvagens e ferozes e um povo sanguinário, cheio de idolatria e imundície, alimentando-se de animais predadores, habitando em tendas e vagando pelo deserto, com uma curta faixa de pele ao redor dos lombos e a cabeça rapada; sua habilidade consistia no manejo do arco e da cimitarra e do machado. E muitos deles não comiam senão carne crua. (Livro de Mórmon, 2015, p. 156).

Esta é uma religião de origem estadunidense, ou seja, um povo tradicionalmente branco, assim como os povos invasores de nosso território

brasileiro. Já podemos usar a ironia e dizer que qualquer semelhança com discriminação racial é mera coincidência? O ato de contar e ouvir histórias é fundamental para a formação do homem, mas historicamente o poder de contar a história em grande escala sempre esteve na mão do homem branco. Este por sua vez, tende a demonizar tudo que vem do povo negro, colocando-os como inferior. Além disso, historicamente denota um poder tão extremo de doutrinação, que outroras até o próprio negro liberto aprendeu a escravizar.

Então, partindo da premissa que o ato de contar histórias surge do ato de transmitir saberes e o ser humano busca conhecimento constantemente, nós enquanto adultos precisamos nos educarmos para que não continuemos a reproduzir mentiras e preconceitos que causem danos à humanidade. Para isso, precisamos conhecer nossas histórias e o mais importante: contar essas histórias. Ademais, como poderemos educar nossas crianças se não educarmos a nós mesmos?

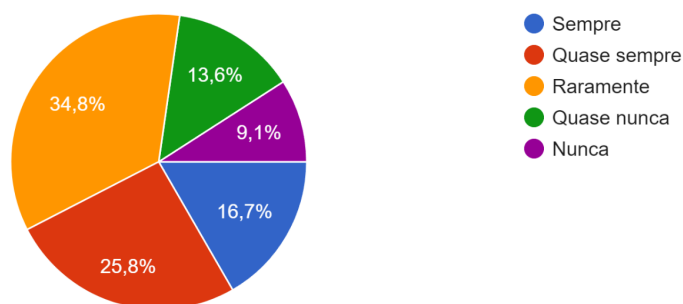
É por todo este exposto que no presente trabalho defenderemos o ato de contar histórias para além do senso comum, para além da contação de histórias exclusivamente para crianças, pois antes delas, o adulto também precisa ouvir. Já pudemos perceber que as histórias contribuem para o desenvolvimento e formação do ser humano até este atingir o ápice de sua vida adulta, ou seja, perpassa o ser criança, perpassa os muros escolares, perpassa os recursos pedagógicos.

Ao pensar na importância do ato de contar histórias e como isso é intrínseco ao homem, sobre a importância do educar-se para educar o outro e que o adulto também precisa ouvir, podemos lembrar de outras formas de expressão vivas em nossa sociedade a qual a contação de história se faz presente: O palco, o teatro, o cinema, A MÚSICA! Ou seja, como já pudemos perceber, o ato de contar histórias está presente em todo lugar, diariamente ouvimos e contamos histórias, se trata de um ato milenar, as histórias estão dentro de cada ser e ao nosso redor.

Agora que nos encontramos contextualizados vamos a alguns dados coletados. Para contribuir com a escrita do presente trabalho foi realizado um questionário online intitulado “Como o ser adulto relaciona-se com a contação de histórias?” com o escopo de sondar como as pessoas enxergam e compreendem o ato de contar e ouvir histórias, se eles se enxergam dentro desse processo e se

conseguem ir além do senso comum de que a contação de história é coisa para criança. Deste modo, analisemos os gráficos abaixo:

Gráfico 1- Frequência com que os participantes escutam histórias atualmente - Maceió - 2023



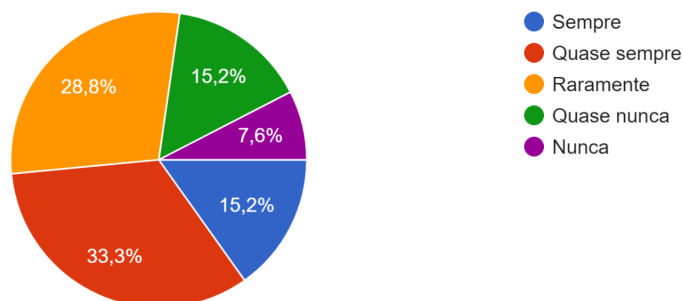
Fonte: A autora.

Analisando o gráfico 1, podemos constatar que 9,1% dos participantes afirmam não escutarem histórias atualmente, ou seja, no momento presente de sua vida. Com estes dados, podemos nos questionar acerca da compreensão ou conceito que esses participantes possuem da expressão “ouvir histórias”, pois como afirma a autora Aranha (2006) “somos seres históricos”.

Para termos ciência de alguns fatos – tempo passado – ouvimos histórias, enquanto seres sociais que dialogamos com outros seres sociais, sobre nosso dia a dia, sobre nossas vivências – tempo presente – contamos histórias, e enfim, quando imaginamos realizar sonhos e traçamos planos a longo prazo – tempo futuro – estamos criando novas histórias. Então, nos perguntemos... Enquanto seres sociais, inseridos dentro de uma sociedade intrinsecamente ligada ao diálogo, é mesmo possível nunca ter ouvido histórias? Presumo, que isso seja o mesmo que afirmar não ser um ser social.

Para mais, todos os outros participantes em algum grau, independentemente de ser com mais ou menos frequência, percebem serem ouvintes de histórias, mais uma vez reafirmando o estado do “ser histórico”.

Gráfico 2 - Frequência com que os participantes contam histórias atualmente - Maceió - 2023



Fonte: A autora.

Para fazermos essa análise, devemos compreender a discussão do gráfico anterior, ou seja, perceber o status do “ser histórico” que o ser humano possui. Compreendido este ponto, podemos chegar a conclusão de que existe uma relação entre o escutar e o contar histórias.

Neste ponto, ambas as análises se interligam. Pois, o gráfico 2 apresenta que 7,6% dos participantes compreendem que na atualidade nunca contam histórias, então retornamos mais uma vez a análise anterior. Qual a compreensão ou conceito que esses participantes possuem da expressão “contar histórias”?

Desde a antiguidade ao fazermos o simples ato de desenhar já estamos contando uma história, ao escrever, contamos histórias, então... É mesmo possível nunca ter contado uma história? Enfim, com os demais resultados no gráfico, enfatizamos mais uma vez a frase do ilustre escritor Eduardo Galeano (2014): “[...] somos feitos de histórias” e que a história é intrínseca ao homem.

Além disso, nos dias atuais, o ato de contar histórias também é muito utilizado para atingir objetivos específicos. Pois, da mesma forma que o mundo evoluiu, a difusão da arte de contar histórias também foi ampliada, como já visto, antigamente o uso das histórias era exclusivo para a transmissão de saberes, como parte cultural de uma sociedade. Atualmente, a contação de histórias ultrapassa essas barreiras culturais das sociedades e passa a ser uma técnica utilizada por diferentes instituições visando alcançar objetivos próprios.

Como exemplo, grandes empresas midiáticas, empresas de publicidade, roteiros de filmes e indústrias de games, lidam diretamente com o mercado consumidor, e sendo este um público-alvo muito específico, é preciso utilizar estratégias que prendam a atenção e despertem o interesse. Logo, uma das técnicas frequentemente empregadas é o storytelling, que, segundo Freitas (2021) no portal de notícias NSC:

[...] nada mais é do que contar histórias. A técnica difundida em empresas de publicidade e meios de comunicação consiste em criar uma história relacionada à marca ou ao discurso para conquistar a empatia do público-alvo [...] O storytelling é um processo para transformar a comunicação “em uma informação que desperte a curiosidade das pessoas e faça com que elas prestem atenção na mensagem”, explica Enrico Cardoso, co-fundador da Excited, empresa especializada em construção de marcas por meio do storytelling [...] “Quando transformamos discurso em uma história – coisa que Martin Luther King Jr. fazia muito bem –, nos conectamos com o nosso interlocutor porque, no momento que começamos a contar essa história, vamos construindo essa história em nosso subconsciente”, afirma Enrico Cardoso. Ou seja, dessa forma é possível prender a atenção do interlocutor, deixando a interação com o público mais natural. “No final do nosso discurso, as pessoas estarão tocadas, porque realmente sentiram o poder da nossa história.

Diante todo o exposto, ressaltamos a importância do âmbito educacional - essencialmente a pedagogia - também reconhecer a importância da contação de histórias e do ato de contar histórias para muito além de um mero recurso pedagógico envolto na alfabetização e letramento. Resgatando e reconhecendo sua essência primordial, transmitir saberes. Principalmente uma transmissão de saberes que contemple a formação integral do ser, contribuindo assim para a construção de cidadãos mais tolerantes e conhecedores da sua própria história.

3 ENCONTRANDO-SE NA HISTÓRIA

No capítulo anterior pudemos compreender um pouco mais acerca do ato de contar histórias, algumas de suas nuances e seus impactos na sociedade a qual nos encontramos inseridos. Além disso, também pudemos observar, ao menos um pouco, o quanto a história contada pode influenciar na formação integral do ser e favorecer para a construção de cidadãos mais tolerantes e conhecedores da sua própria história. Pois como afirma Abate e Stoltz (2020) “A arte de contar e ouvir histórias propaga a sabedoria humana, resgatando pensamentos e ensinamentos de diferentes povos e culturas, fruto da ancestralidade.” Embora este - infelizmente - não seja o contexto histórico de construção social em nosso país.

Ainda assim, mesmo que nossa construção social tenha sido formada por uma base totalmente sem escrúpulos, uma parcela de resistência muito antiga - os povos africanos forçados e sequestrados de seu próprio continente - em conjunto com sua própria descendência, novas resistências e movimentos sociais que surgiram ao longo dos anos, não permitiram que nossas raízes, nossas histórias e nossas lutas fossem apagadas de nossas memórias. Mesmo com toda a opressão de governos e elites brancas, a construção e idealização do “belo” e a narrativa do salvador branco e europeu, se nos permitirmos, ouviremos vozes de resistência.

É a maneira que escutamos essas histórias e concebemos essas memórias que irão ditar a forma que nos construímos enquanto pessoa. Por isso, é de suma importância que conheçamos nossas raízes, que nos encontremos na história e principalmente que conheçamos nossas histórias, nossas culturas, nossas crenças, nossa liberdade! Pois, caso contrário, porque lutar? Qual diferença faria? Se você se concentrar bem, poderá até imaginar um sorriso amedrontador e a frase: “Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve”. Inclusive, o da opressão.

Agora, vejamos a ironia! A autora que vos fala se trata de uma mulher branca de olhos claros, nascida em São Paulo e crescida em um interior do nordeste, que por muito tempo reproduziu diversos preconceitos e aprendeu a ter medo daquilo que não conhecia. Muita história - inclusive sua própria - por muito tempo lhe foi negada e oculta. Foi dentro da universidade, que consegui me ver na primeira

peessoa e começar um processo de resgate de minhas raízes. Apesar de minha cor opressora, as histórias me contaram sobre os traços que herdei de meu pai, de meus avós... E agora, eu posso ouvir os ecos de meus ancestrais e junto com eles ecoar para quem queira me ouvir. Ou neste caso, ler!

O ato de ouvir histórias é transformador, o ato de contar histórias pode ser revolucionário! Não acredita? Então vejamos algumas fontes acadêmicas. Em suas pesquisas de campo, Abate e Stoltz (2020) podem perceber por meio dos entrevistados que essa relação entre contar e ouvir histórias desencadeiam mudanças em nossa forma de agir, em nossos comportamentos, e na maneira que vemos o mundo. E toda essa mudança contribui para que nos aproximemos de outras pessoas, de nossas fragilidades e do “ser” humano. Por isso, eu trago comigo os ecos de onde vim, escuto os ecos dos lugares que vou e aprendo a ecoar, para que assim como eu, outros possam se encontrar. Hoje, sou maceioense e os ecos ancestrais desse lugar eu vou contar.

3.1 ECOS DE UMA CIDADE CHAMADA MACEIÓ

Nossa querida cidade Maceió é a capital do estado de Alagoas e devido suas paisagens deslumbrantes no litoral é conhecida como Caribe brasileiro e a sereia de Alagoas. Suas praias de beleza exuberante atraem diversos turistas todos os anos. E se expandirmos nosso olhar, perceberemos que nossa beleza não se restringe apenas ao litoral, pois Alagoas é um estado que carrega uma diversidade cultural popular encantadora, viva, expressiva, vibrante e mista de influências indígenas, africanas e europeias. Apesar de uma cultura tão bonita, Maceió possui ecos que muitos de seus moradores esquecem de escutar, o mais engraçado é que esses ecos surgem do maior eixo viário de Maceió! Como podemos não ouvi-los? Talvez já tenhamos nossas respostas, esses ecos possuem cor e muita, mas muita ancestralidade.

A Avenida Fernandes Lima, como já dito, é a maior e a principal avenida de tráfego de Maceió. Mas antes de se consolidar, era apenas uma estrada de terra, conhecida como Estrada do Jacutinga, em alusão ao pássaro Jacutinga que era muito comum naquela região em meados do século 19. Com o tempo, a parte alta de Maceió foi crescendo e se desenvolvendo, chamando a atenção da burguesia alagoana que começou a migrar para os entornos da estrada. Assim,

estrategicamente foi construído o primeiro grande farol, que devido sua localização proporcionava uma ampla visão do ancoradouro do Jaraguá e do perímetro urbano de Maceió (Fortes, 2011, p. 32). Hoje, conhecemos essa região como o bairro Farol.

Em vista desse crescimento da parte alta da cidade, a estrada Jacutinga começou a sofrer algumas alterações que lhe deram o título de Avenida. Essas modificações prometiam facilitar o deslocamento de ida e vinda, com o alargamento das pistas, interligando Maceió com municípios vizinhos e favorecendo acesso direto ao Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, localizado em Rio Largo. Além disso, interligaria a parte alta com o centro da cidade, onde acontecia a maior parte das transações comerciais do estado. Com a reforma aprovada, a avenida recebeu seu atual nome em homenagem ao governante que aprovou as modificações, sendo ele o então governador José Fernandes de Barros Lima, popularmente conhecido como Fernandes Lima.

Agora, vejamos, já pudemos observar que as histórias se fazem presentes em todos os tempos, que precisamos conhecer as histórias do passado para entendermos nosso presente, e que são elas que nos constituem enquanto seres humanos e sociedade. Então, nos perguntemos, quem foi este homem?

Nascido em Passo de Camaragibe em meados de 1868, Fernandes Lima foi Governador, vice-governador, senador federal, deputado federal, deputado estadual, jornalista e advogado. Teve seu primeiro cargo político em 1892/93 quando escolhido para ser membro do Primeiro Conselho Municipal de Camaragibe e posteriormente, eleito Intendente. Ainda durante sua graduação em direito, lutou pela república, fez parte da Sociedade Libertadora Alagoana e empenhou-se na luta pela abolição da escravatura. (Dias, 2019)

Apesar de ser um homem notório por seus feitos na política brasileira, é a partir daqui que as coisas começam a ficar no mínimo estranhas. Fernandes Lima lutou e presenciou a abolição da escravatura em 1888, mas suas lutas destoam de seus atos, uma vez que ele não só desrespeitou, mas foi responsável por um dos maiores atos de violência e intolerância religiosa acontecidos no Brasil! E o palco para todo esse cenário? Nossa Maceió, que até hoje sangra e grita de dor.

A esfera política de nosso estado no ano de 1912 vislumbrava um cenário singular. Uma disputa política entre Euclides Malta - Governador do Estado de Alagoas até meados de 1912 - e Fernandes Lima - eleito a vice-governador ainda em 1912. Nessa disputa, visando diminuir o apoio social de Euclides Malta, Fernandes Lima começou a espalhar boatos por toda cidade de que o atual governante “Euclides Malta só se mantinha no cargo porque frequentava os terreiros e tinha a proteção de divindades “do mal” (Pimentel, 2022, p. 31). É importante salientar que Euclides Malta era um homem que ia de encontro a fé católica, mas possuía vínculos respeitosos e de liberdade religiosa com os povos de terreiro o “que incomodava o setor mais conservador da elite do estado” (Santos, 2020).

Sabemos e discutimos desde o capítulo anterior, que nossa sociedade atual teve como fundamento crenças de um povo branco e princípios totalmente cristãos e tudo que conflitava com este aspecto era mal visto, inclusive e enfaticamente a cor da pele. Até os dias de hoje precisamos lidar com preconceitos, discriminações e intolerância que ecoam desse histórico devastador para os povos negros e indígenas. É triste observar que ainda recentemente lidamos com a destruição de terreiros, o assassinato de líderes religiosos de matriz africana e com uma população que alimenta um medo incompreensível e demoniza tudo que vem do povo negro, mesmo fazendo parte de suas raízes, do seu próprio sangue.

Então, imaginemos naquela época, com a abolição da escravatura ainda muito recente, apenas duas décadas após a lei Áurea em uma sociedade que viveu 300 anos de escravização! Não é difícil de imaginar o quão grande era o palco para preconceito com tudo que se relacionasse direta ou indiretamente com o povo negro. É nesse cenário social degradado e de disputa política - política essa, que convenientemente tende ser formada por uma elite branca conservadora - que emerge um dos mais cruéis e violentos atos de intolerância religiosa no Brasil, o Quebra de xangô. Um massacre político contra os povos de terreiro, liderado por Fernandes Lima, que perdurou da noite do dia 01 até a manhã do dia 02 de Fevereiro. Como exposto por Santos (2020) no portal de notícias Esquerda Online:

[...] na noite do primeiro dia de fevereiro a Liga dos Republicanos Combatentes realizou seu ataque, destruindo e queimando centenas de terreiros na cidade. Diversos pais de santos e líderes religiosos foram espancados, outros fugiram para os estados vizinhos como Bahia e Pernambuco com medo da morte. A mãe de santo Tia Marcelina foi

brutalmente assassinada no ataque, e hoje seu nome e sua história são lembrados como símbolos de resistência negra. Nenhum terreiro na capital conseguiu escapar, todos foram destruídos e os religiosos se sentiram amedrontados por conta de sua fé. Diversas expressões da cultura negra desapareceram após o ataque. Seja por medo de sua representação ou pelo fato da saída do estado de importantes lideranças.

Este foi mais um cenário deplorável ao qual a massa brasileira - parcela da sociedade que desde sempre esteve longe dos padrões da alta sociedade - foi submetida explicitamente. Intitulamos o presente tópico como “ecos de uma cidade chamada Maceió” pois ao decorrer do trabalho discutimos a importância que a contação de histórias tem para a formação da sociedade e do ser humano. E enquanto moradores de um determinado lugar é extremamente importante que conheçamos a nossa própria história, ainda mais uma história com o peso de carregar um massacre contra indivíduos de dentro da própria sociedade ocasionado por políticos que deveriam lutar para garantir os direitos humanos de seus cidadãos. E ainda piora, o responsável por encorajar e participar deste massacre é ovacionado e homenageado no principal eixo viário da cidade, onde derramou sangue! Então como podemos lutar e pregar por uma educação libertadora - como bem diria Paulo Freire - se não compreendemos o peso e todas as implicações que essas ações trouxeram para nossa história e nosso próprio povo? Por isso, a importância de ecoar essa temática em nossa educação maceioense. Como podemos simplesmente tapar nossos ouvidos e não escutar os gritos e arquejos de dor dos nossos?

Esses gritos cada vez mais vão ganhando formas. Formas de protestos, manifestações e muita resistência, em prol da luta do povo negro, dos povos de terreiros, das nossas minorias. E é aqui que podemos ampliar nosso olhar, pois não só em Maceió, Alagoas inteira grita de dor por seu povo e o nosso país por completo ecoa por seus ancestrais. Alagoas é um estado de resistência negra por muitos motivos, mas o maior deles é que aqui se fez a maior revolta de pessoas escravizadas ocorrida no Brasil, sendo ela a organização do Quilombo dos Palmares, em 1630. E ainda assim, avançamos em passos lentos e em determinados momentos ainda conseguimos regredir em nossas conquistas de liberdade, devido ao preconceito enraizado em nossa sociedade. Precisamos urgentemente contar e ouvir nossas próprias histórias para que consigamos avançar com uma educação decolonial.

A Avenida Fernandes Lima é um palco sanguinário muito próximo de nós maceioenses, por este motivo precisamos interligar conhecimentos históricos - que as histórias podem nos conceder - e atribuir sentidos e significados. Deste modo, o nome que a avenida ainda carrega ecoa como um símbolo de opressão gigantesca. Diante a história contada, homenagear Fernandes Lima é reforçar que pessoas que fazem parte de uma classe dominante, independente de seus atos, sairão ilesos e agraciados. E que a população negra - detentora de uma ancestralidade muito dolorida e que dentro de algum grau todos nós possuímos um parentesco, por mais branco que sejamos - será sempre passível de crimes violentos sem resolução.

Sendo assim, desde que movimentos e protestos em prol do povo negro começaram a somar forças, existe uma luta para que o nome da Avenida Fernandes Lima seja alterado para Avenida Tia Marcelina. É por essa força, por juntos gritarmos mais alto, que no ano de 2023 o Ministério Público de Alagoas recomendou ao nosso município e a Câmara de Vereadores a mudança do nome da Avenida. Podemos ver esse reconhecimento em uma entrevista realizada no ano passado pelo portal de notícias TNH1 com a promotora de Justiça Karla Padilha, no seguinte trecho:

É provável que seja expedida mais para frente uma recomendação para a mudança do nome da Avenida Fernandes Lima, mas agora o procedimento foi instaurado para estudar quais medidas podem ser adotadas... Considerando, portanto, não ser possível a um povo que reconheceu a evolução histórica de direitos humanos e a fez consignar expressamente em sua Carta Maior e, ainda, a um Estado que presenciou e ainda guarda a história do Quilombo dos Palmares e que reconheceu expressamente o vergonhoso episódio da 'Quebra de Xangô', ter em sua capital, Maceió, a principal avenida nomeada em homenagem a um dos principais responsáveis pela 'Quebra de 1912.

Apesar disso, devemos compreender que este não deve ser um motivo de comemoração, talvez sim de felicidade, pela visibilidade e proporção que esta discussão tomou. Mas ainda assim, carregamos o peso de um massacre muito grande. Massacre esse que nunca será apagado de nossa história e que é fruto de um racismo religioso que está impregnado na nossa sociedade.

Como citado na entrevista com a promotora de justiça, Alagoas reconheceu o episódio do Quebra de Xangô como algo vergonhoso para a política do Estado, pois por consequência desse massacre muito de nossa cultura se perdeu ou ficou

escondida por muito tempo. O professor e pesquisador da cultura afro-brasileira Célio Rodrigues (2012), ressalta:

Você não tem ideia da tortura intelectual que foi aquele ato, o dano moral que ele causou. A partir daquele momento, acabou a nossa cultura, não só do candomblé. Acabou com o maracatu, com o nosso frevo, com as baianas, com todo o nosso aparato cultural. Não foi um ato simplesmente de quebrar. Essa milícia particular, montada pelo governador do Estado, destruiu muito mais. O grupo era composto por pessoas que trabalharam na destruição de Canudos. Os religiosos africanos de Alagoas tiveram que fugir para Pernambuco, Sergipe ou Bahia. E os que ficaram, ficaram rezando baixo.

Agora, uma curiosidade! Nossa Alagoas e nossa Maceió, literalmente, precisou rezar baixo por muito tempo. O Xangô Rezado Baixo foi fruto de um povo assustado e imerso em medo, uma manifestação religiosa intimidada, um culto praticado em segredo. Apenas no ano centenário, conseguimos voltar com força ao alto e bom som do atabaque em busca de uma reparação histórica. Em um evento onde Os Tincoãs diriam “Atabaque chora, chora também o amor em mim”!

Na mesma data daquela fatídica noite - de 01 à 02 de Fevereiro - acontecia uma solenidade que relembra os 100 anos do episódio do Quebra de Xangô. O projeto Xangô Rezado Alto, financiado com recursos do Fundo Nacional de Cultura, Ministério da Cultura, com contrapartida financeira da UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas - contou com diversas apresentações e convidados adeptos de religiões de matriz africana. O projeto que continua ativo até os dias atuais visa saudar nossos ancestrais, valorizar a cultura afro-brasileira e combater a intolerância religiosa em Alagoas. “Nossa pretensão é levantar a auto-estima do alagoano, mostrando que esse povo possui manifestações culturais valiosas” afirma o professor José Campos da Costa, reitor da UNEAL.

O evento contou com o pedido de desculpas do Governador do Estado de Alagoas, Teotônio Vilela, sobre o massacre em 1912 :

Atualmente, não existe tempo para qualquer ação truculenta que atinja os cultos afros no Estado, não aceitamos isso. Alagoas é uma terra onde as leis se cumprem e onde é aceito qualquer culto. Diante do trágico passado, peço perdão a toda sociedade alagoana, aos afrodescendentes e asseguro, que estamos em uma terra livre, onde todos têm o direito de cultivar quem ou o que quiserem.

A partir daqui, podemos ouvir não apenas os ecos doloridos de nossos ancestrais, mas também os ecos de seus descendentes que pedem por justiça.

Essa busca por justiça, que também podemos chamar de resistência, surge de diversas formas, por meio de protestos, manifestações, campanhas... Mas também de uma forma muito vibrante e dançante, que emociona e mantém viva nossa história. E como a autora que vos fala se trata de uma singela contadora de histórias, não poderia perder a oportunidade de mais uma história contar, para assim, melhor explicar e para que você que está lendo também possa se encontrar!

Era uma certa vez, uma linda princesa
 filha de um rei corajoso, digno da realeza.
 Sua mãe, uma rainha, também cheia de beleza.
 Seu pai tinha uma certeza: sua filha preciosa tinha nos olhos magia!
 Magia bem poderosa, de transformar o que é triste
 em coisa maravilhosa.
 A tal princesa formosa, na natureza vivia.
 Brincava com os passarinhos, com flores se divertia
 e o rugido do leão, era pra ela canção, carregada de energia.
 A princesa todo dia, punha o seu belo vestido
 com brilho e bastante cor, laço de fita e tecido
 ouvindo o som do tambor, dançava cheia de amor
 o seu batuque preferido.
 O tum tum tum era ouvido, sempre nos dias de festa
 quando nascia um bebê, ou pros deuses da floresta
 e até quando alguém morria, pois todo mundo sabia
 que o céu é o que nos resta.
 Com uma coroa na testa, a princesa se deitou
 acordou com gritaria, de salto se levantou
 Fogo! Fogo queimava na mata, logo logo se alastrou.
 Lá de longe ela avistou seu povo sendo refém
 até o rei fora preso, não restaria ninguém...
 E ela então saiu correndo e foi logo se escondendo
 para não ser presa também.
 Em navios muito além, lá na praia ancorados
 viu seu povo, sua corte e seus pais sendo levados.
 Sumiam no horizonte e de lá do alto do monte
 muito choro derramado.
 Com o coração apertado, a princesa foi pra mata
 e pediu para morrer, pois a saudade matava.
 Com as duas mãos agarrada numa árvore sagrada
 chorou lágrimas de prata.
 E a magia foi exata, do jeito que o rei falou.
 Quando a lágrima caiu e o solo se encharcou
 a árvore abriu a boca e com voz rouca, falou:
 "O teu pai te abençoou, tens a magia divina.
 Se hoje você chorou, não vais mais chorar, menina.
 E um dia a tua sina é viver um carnaval
 a beleza feminina vai enfrentar todo o mal.
 Serás calunga real, uma boneca encantada.
 E o cortejo imperial fará pra ti batucada."
 E o batuque que a menina se alegrava ao escutar
 bateu forte no seu peito, fazendo o choro parar.
 A tristeza foi embora e a alegria agora
 chegava para brincar.
 Começou-se a transformar numa boneca de cera.
 Calunga negra e bonita, também feita de madeira
 que até hoje é levantada, vem reinando a batucada
 e da corte é a primeira.

Do dia de Zé Pereira até o fim da folia
 quando tem maracatu, alfaias em euforia
 lá vem aquela princesa, que não perde a realeza
 e nos enche de alegria.
 O ritmo contagia, faz todo mundo dançar.
 Maracatu vem da África, veio nas ondas do mar.
 Princesa virou rainha e sua alma inteirinha
 vive a sorrir e cantar.

(Bigio, 2015)

É deste Maracatu que agora vamos falar, esse ritmo que contagia e te convida a dançar. Ele chega ecoando e agora sem medo, junto com suas loas podemos cantar:

Solta o baque, toca esse tambor
 Que carrega nosso ancestral.
 Cem anos depois do quebra de xangô
 Tem maracatu no nosso carnaval.

(Melo; Serafim, 2022)

3.2 DANÇANDO POR NOSSOS ANCESTRAIS

O Quebra de Xangô foi um gigantesco ato de racismo religioso que resultou na fuga de pessoas negras que exerciam suas crenças dentro de terreiros. Esse trágico dia resultou em grandes perdas e desencadeou uma série de acontecimentos que impactam em nossa cultura e religiosidades ancestrais até os dias atuais.

Essas pessoas coagidas a fugirem para estados vizinhos, carregavam consigo o mais antigo ritmo afrobrasileiro, nosso radiante Maracatu. Que segundo Pereira (2021) em uma redação para um portal de notícias, afirma:

Em pesquisas sobre cultura e origens da história das manifestações de música e danças de origem africana há testemunhos históricos, que o Maracatu surgiu, a partir da miscigenação musical de várias presenças da influência africana, trazendo a expressão marcante da antiga realeza africana, com reis, rainhas, príncipes e princesas, os quais de fato existiram nos diversos continentes africanos. Estando também presentes em alguns maracatus, elementos que representam a cultura indígena.

Para mais, é interessante imaginar que se por acaso, essa fuga de nosso Estado não fosse possível, teríamos um impacto ainda maior para a cultura popular

alagoana, com a possibilidade de um apagamento total de partes de nosso grande acervo cultural.

Alagoas realmente perdeu esse ritmo ancestral por longos anos, pois o que surgiu dentro dos terreiros em nossa cidade precisou migrar para outro estado para que também não fosse morto. O intrigante, é que essa fuga - consequência do Quebra - traz conflitos para nossa atualidade quando iniciamos a luta pela reavivação da cultura popular alagoana.

Acredito ser importante ressaltar esse ponto da discussão, pois entre pessoas que estudam esse contexto histórico do maracatu e em conversas informais de integrantes batuqueiros, há um conflito de ideias acerca de seu surgimento. É de senso comum que o maracatu é uma expressão genuinamente brasileira, mas os registros mais antigos — de meados de 1800 — são confusos, pois afirmam que o surgimento deste ritual se deu ao sul da capitania de Pernambuco — condizente com o atual território alagoano — em uma década que não se havia distinção entre Pernambuco e Alagoas. Devido a esta situação, conhecemos popularmente o maracatu como uma “criação negra pernambucana”. Porém vejamos, sem grandes brigas! O Maracatu é originário em ambos os estados. Agora com alguns conflitos, onde este ritual rítmico realmente surgiu, em Alagoas ou Pernambuco? Eis aqui, a grande discussão.

Agora deixemos essa discussão com os historiadores e avancemos na nossa. Apenas 95 anos após o Quebra de Xangô fomos capazes de voltar a escutar esse batuque tão ancestral em nossas ruas, pois no ano de 2007, o músico e mestre percussionista Wilson Santos promoveu um evento onde mediu uma oficina de Maracatu realizada no Centro de Belas Artes de Alagoas. Onde os participantes se perceberam imersos em um novo panorama que desabrochava para nossa cultura popular, resultando na formalização e ressurgimento de grupos de Maracatu em Alagoas.

E é assim, em um bairro que nunca dorme - nosso histórico Jaraguá - que ressurge nosso maracatu em Alagoas:

Na terra de Zumbi tem um baque forte que entoa,
Fazendo ressurgir o maracatu em Alagoas.

Traz de volta esse ritmo perdido há vários anos,
Apresento a vocês o Baque Alagoano.

(Melo, 2022)

O grupo percussivo Baque Alagoano, nasceu em Abril de 2007 - logo após a oficina ministrada por Wilson Santos - aqui na cidade de Maceió, com o intuito de trazer para nossas ruas o ritmo do maracatu que foi silenciado após o Quebra de Xangô. Trata-se de um grupo ativo que atua nas camadas sociais e se identifica e reconhece sua ligação com a cultura negra. Além disso, os batuqueiros integrantes demonstram orgulho em participar de um grupo que não compactua com qualquer tipo de discriminação, seja em relação a cor, sexualidade, idade, religião, entre outras. Apesar de reconhecer seu papel na luta e resistência de um povo, se trata de um grupo que enquadra o Maracatu de Baque Virado em novos moldes, já que surge de uma forma mais brincante e com um grande intuito de resplandecer o Maracatu como cultura popular alagoana.

Em sua redação, Tereza Pereira (2021) após uma conversa com o coordenador artístico cultural do grupo, Marco Túlio Cavalcanti, mais conhecido como Kiko, podemos ler a seguinte afirmação:

Segundo Kiko, diferente da maioria dos grupos de maracatus de baque virado, que em geral está vinculada a alguma casa de Axé (templo religioso de matriz africana), que tem sua corte com reis e rainhas – o Baque Alagoano é um grupo com proposta basicamente percussiva, nascido sem vínculo religioso. Embora seus integrantes tenham grande respeito e admiração pela religiosidade e cultura afro-brasileira, que é de fato a origem do Maracatu.

Concomitantemente, o fato do grupo não estar vinculado a alguma casa de Axé não retira o peso de sua importância para o resgate de nossa cultura e nossos ancestrais. Foi por meio deste grupo, que consegui escutar os ecos daqueles que vieram antes de mim, e é sendo integrante deste, que hoje danço por meus ancestrais. Além disso, como afirma o próprio coordenador: “Hoje, o Baque tem muita proximidade e diálogo com Pais e Mães de Santo alagoanos e alguns membros pertencem à religião de matriz africana. Embora continuamos sendo um grupo percussivo”.

Apesar do Baque Alagoano ser o primeiro grupo de maracatu a ressurgir, não se trata do único. Em 2009 também foi fundado o Coletivo AfroCaeté com o intuito de difundir a cultura afro-indígena e estreitar laços com os terreiros de Maceió, ativo até os dias atuais. Neste mesmo ano, com a parceria do Coletivo AfroCaeté também foi fundado o Nação de Maracatu A corte de Airá do Babalorixá Doté Elias, que

buscava sua legitimidade por meio da coroação do rei maracatu nação. (Ferreira, 2015, p. 1195 e 1196).

Este último se trata de um grande marco, já que é a primeira e única Nação de Maracatu a ressurgir em Alagoas e acaba por se aproximar um pouco mais de nosso Maracatu originário, já que desde o início compreendia sua legitimação apenas por meio da coroação. Posteriormente, foram surgindo outros grupos percussivos como, Maracatodos, Coletivo Rock Maracatu, Grupo Percussivo Yá Dandara, entre outros. E juntos, podemos cantar em uma única voz, por um período de silenciamento que teima em nos perseguir e pela construção da identidade do povo maceioense e alagoano:

“Foi com a força do povo negro
Que Alagoas foi erguida
Com a coragem de Dandara
E de Tia Marcelina

Lê Lê, Ô Lá Lá
Meu Maracatu vem desse lugar

Chão de tantas resistências
Mas também de alegrias
De quilombos e terreiros
O Axé é quem nos guia

Lê Lê, Ô Lá Lá
Meu Maracatu vem desse lugar

Só quem é alagoano
Sente a força e a magia
Das raízes dos quilombos
E de suas rebeldias

Lê Lê, Ô Lá Lá
Meu Maracatu vem desse lugar

(Caminha; Cavalcanti, 2023)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, as histórias são ilustradas como parte fundamental de uma sociedade, algo intrínseco e indissociável. Através delas podemos vislumbrar e resgatar o passado, para assim melhor enxergar o presente e compreender os moldes atuais ao qual nos encontramos inseridos. Por isso, no capítulo 'O Ato de Contar Histórias' fazemos um resgate tão grande de influências históricas que nossa sociedade possui, porque foi essa base histórica que estruturou nossos moldes atuais enquanto sociedade. As histórias possuem uma potência tão grande, que quando nos damos conta e nos inserimos em uma luta que busca remediar essa base histórica, percebemos que em pleno século XXI, após séculos e séculos e muito mais séculos de um genocídio - ocasionada pela invasão dos europeus - ainda temos muito a lutar e com urgência por uma educação decolonial.

Consequentemente, o capítulo seguinte vem intitulado como 'Encontrando-se na História', pois é apenas conhecendo nossa própria história que conseguimos nos formar enquanto cidadãos íntegros da sociedade a qual estamos inseridos. Vejamos, se não conhecemos nossa história e de onde viemos, como podemos entender quem somos e ditar para onde queremos ir? Se assim fosse, nossas lutas seriam rasas e não fariam o mínimo sentido.

É por isso, que este trabalho repete veemente não apenas sobre a importância das histórias, mas sobre a importância de que alguém as conte. Elas podem se tornar um recurso inigualável para a construção e identidade de um povo! É com esta visão, que busco estreitar os laços com você que está lendo e tento fazer com que não apenas leia, mas sinta a história que está sendo contada, enfaticamente você, leitor maceioense e alagoano. Para que assim, este trabalho consiga te auxiliar nesse processo de construção de identidade e quem sabe, fazer com que você entre nessa luta em prol do nosso próprio povo, respeitando a memória de todos aqueles que vieram antes da gente.

Analisemos, nosso país sofreu uma invasão que resultou no genocídio e inferiorização de duas etnias que deveriam ser dominantes em quantidade

populacional e se tratam de nossa ancestralidade e raízes mais profundas. Mesmo assim, por forças maiores daquele povo invasor, suas próprias crenças foram disseminadas a força e a nossa apagada. Muitos anos depois, em um momento que o povo negro acabara de conquistar um mísero direito humano, nossa cidade cedia o maior massacre do país contra o povo negro, que mais uma vez silencia as crenças do nosso povo. Você consegue escutar esses gritos? porque eu sim, e eles me doem muito. Mas já discutimos sobre isso, então vamos lá para nosso século atual, desconstruído e com muitos avanços, certo?

Errado! Um estudo realizado em 2013 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, afirma que Alagoas é o estado mais violento para negros no Brasil. Ainda mais recente, em 2022 acontece uma audiência pública na Câmara de Maceió onde a Vereadora Teca Nelma debate a violência contra jovens negros.

Como ainda podemos aceitar que nossa cidade, nosso estado, nosso país passe impune de tanta violência? Esse racismo estrutural reflete na intolerância e racismo religioso presente em todo nosso estado. O mais triste nisso tudo é perceber que mesmo 111 anos após o Quebra de Xangô, com lutas, resistências e algumas conquistas e avanços, esses casos de intolerância e racismo ainda são constantes, seja por desrespeito velado ou explícito.

Tendo tudo isso em vista, é extremamente necessário que nossa história seja contada e ouvida. Porque para começar a fazer mudança é preciso dar o primeiro passo e para que esse primeiro passo seja dado precisamos investir em uma educação decolonial que vise a construção da identidade do povo maceioense e alagoano. Além disso, esse investimento precisa começar por nós, parcela adulta da sociedade - que às vezes esquecemos que temos histórias, somos histórias e fazemos histórias - para que posteriormente eduquemos nossas crianças de forma responsiva e assertiva de acordo com a realidade a qual está inserida. Como diz uma loa de Maracatu “trazendo pro povo história e saber”.

Enfim, espera-se que o desenvolvimento e conclusão do presente trabalho contribua para com o processo de conscientização e resgate das histórias e raízes culturais e ancestrais, não apenas deste lugar, mas de cada leitor. Que este trabalho possa trazer contribuições, especialmente, para os discentes e profissionais da educação regionais, auxiliando em um olhar mais sensível para o local ao qual

atuam, para que também possam ser agentes da resistência e contribuam no processo de construção de identidade do povo maceioense e alagoano de forma assertiva.

Não é necessário que a população em peso esteja dentro de terreiros ou participe ativamente de atividades como o Maracatu, este não é o apontamento que este texto busca fazer. Mas sim que você que não se sente pertencente a esse contexto consiga, também, olhar com respeito e quem sabe fazer parte dessa luta. Pois independente de crenças, provavelmente o sangue daquele povo negro morto e assassinado, também corre em suas veias.

Além disso, espero poder dar continuidade e abranger esta discussão em um possível mestrado, pesquisando e dando voz às nossas histórias ancestrais trazidas pelas ondas do mar. Contornando o peso que a nossa sociedade ainda coloca em nossas raízes históricas culturais - especificamente oriunda do povo negro - e evidenciando uma força social e ancestral que muito se aproxima da realidade brasileira, alagoana e por fim, maceioense.

REFERÊNCIAS

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**. Brasil, 13 de Janeiro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

ABATE, Elizabete; STOLTZ, Tania. Contação de histórias e desenvolvimento do adulto contador. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 15, e2014764, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v15/1809-4309-praxeduc-15-e2014674.pdf>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

ALAGOAS é o estado mais violento para negros no Brasil, aponta IPEA. **G1**. São Paulo, 19 de Novembro de 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/11/alagoas-e-o-estado-mais-violento-para-negros-no-brasil-aponta-ipea.html>>. Acesso em: 22 de Setembro de 2024.

ARANHA, Maria Lúcia de A. História da educação e da pedagogia: geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: **Moderna**, 2006.

AUDIÊNCIA pública na Câmara de Maceió debate violência contra jovens negros. **AL1**. Maceió, 28 de Fevereiro de 2022. Disponível em: <https://al1.com.br/informacao/noticias/73173/Portal_AL1>. Acesso em: 22 de Setembro de 2024.

BIGIO, Mari. **A lenda da Calunga**. Recife: Cordel animado, 2015. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=boOGy1jP_0E>. Acesso em: 22 de Setembro de 2024.

BOUZAS, Heraldo Costa; LIMA, Mateus Aleluia; SANTOS, Grinaldo Salustiano. **Atabaque chora**. Bahia: RCA, 1977. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/os-tincoas/1170656/>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

CAMINHA, Laura; CAVALCANTI, Kiko. **Alagoas de quilombos**. Maceió: Maracatu Baque Alagoano, 2023.

DIAS, Danielle. **José Fernandes de Barros Lima**. Maceió: UFAL, Disponível em: <<http://www.cedu.ufal.br/grupopesquisa/gephecl/livros-fragmentos/>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

FERREIRA, Alicia Poliana. **A reinvenção do maracatu alagoano no século XXI como mito fundador de uma nova alagoanidade**. In: Anais dos Simpósios da ABHR, [S. l.], v. 14, 2015. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1033>. Acesso em: 22 set. 2024.

FREITAS, Matilde. **Storytelling**: conheça a arte de contar histórias. Brasil: NSC Total, 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/storytelling-conheca-a-arte-de-contar-historias> >. Acesso em: 15 de Abril de 2023.

GALEANO, Eduardo. **Algunos de "Los hijos de los días"** de Eduardo Galeano. YouTube. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zgnjl3UD5s8>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2025.

HIGA, Carlos César. **"Arte rupestre"**; Brasil: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/a-arte-rupestre.htm>>. Acesso em 15 de Abril de 2023.

LEITE, Ilka. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, Maio 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/4CD96PrdycJX6xKSjLfrmbS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

LIMA, Letícia. **"Na virada do maracatu"**: territorialidade cultural e midiática na sede do Coletivo Afrocaeté. Maceió: RIUFAL, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8677/1/%E2%80%9CNa%20virada%20do%20maracatu%E2%80%9D-%20territorialidade%20cultural%20e%20midi%C3%A1tica%20na%20sede%20do%20Coletivo%20Afrocaet%C3%A9..pdf>>. Acesso em: 22 de Setembro de 2024.

LINS, Eberth. Avenida Fernandes Lima pode mudar de nome. **TNH1**, Maceió, 01 de Fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/avenida-fernandes-lima-pode-mudar-de-nome/> >. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

MELO, Marcelo; SERAFIM, Pedro. **Solta o baque**. Maceió: Tratore, 2022.

MELO, Marcelo. **Terra de Zumbi**. Maceió: Tratore, 2022.

PEREIRA, Tereza. No ritmo do Maracatu, os embalos de Sábado à tarde: O puro ritmo que contagia na diversidade cultural alagoana. Maceió: **É assim**, 2021. Disponível em: <https://eassim.com.br/no-ritmo-do-maracatu-os-embalos-de-sabado-a-tarde/>>. Acesso em: 26 de Novembro de 2025.

PORFÍRIO, Francisco. **Cultura Indígena**; Brasil: Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-indigena.htm>>. Acesso em: 20 de Abril de 2023.

“QUEBRA de Xangô”: governo pede perdão e diz que AL é terra livre. **Cada Minuto**, Maceió, 01 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2012/02/01/quebra-de-xango-governador-pede-perdao-e-diz-que-al-e-terra-livre>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

ROMÃO, Tito. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, n. 57.1, p. 353-381, Janeiro/Abril 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/BYNWpsPRxzMYh4gGGCwH5Vk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

SANTOS, Gabriel. **Quebra de Xangô, o racismo e a intolerância religiosa em Alagoas**. Maceió: Esquerda Online, 2020. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2020/02/05/quebra-de-xango-o-racismo-e-a-intolerancia-religiosa-em-alagoas/>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOUZA, Daniela. SOUZA, Adílio. Itan: entre o mito e a lenda. **Letras Escreve**. Macapá, v. 8, n. 3, 2º sem, p. 99-113. Setembro, 2018. Disponível em: <<https://www.readcube.com/articles/10.18468/letras.2018v8n3.p99-113>>. Acesso em: 21 de Abril de 2023.

UNEAL celebra a memória do “Quebra do Xangô” um século depois. In: UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas. **Xangô rezado alto**. Maceió, 26 Jan. 2013. Disponível em: <<https://xangorezadoalto.blogspot.com/p/apresentacao.html>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.

VALÉRIO, Wanderley. Uma análise crítica da presença do negro nos livros didáticos e a discriminação racial no interior da escola. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, Paraná, 2013. Volume II. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_p

de/2013/2013_uel_hist_pdp_wanderley_valerio.pdf>. Acesso em: 20 de Abril de 2023.

VIEIRA, Natalício. **Governo de Alagoas lança na internet a campanha “Xangô - Fé e respeito”**. Alagoas: Portal Oficial do Governo de Alagoas, 2024. Disponível em:

<<https://alagoas.al.gov.br/noticia/governo-de-alagoas-lanca-na-internet-a-campanha-xango-fe-e-respeito#:~:text=A%20Liga%20dos%20Republicanos%20Combatentes,candomb%C3%A9%20umbanda%20e%20outros%20cultos>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2024.